

#cm

2

FIM DE SEMANA

Festival Medio Y Medio une Brasil, Uruguai e Argentina

PÁGINA 3



Biarritz, o porto seguro do cinema latino americano

PÁGINAS 10 E 11



Confira nosso roteiro com executivos imperdíveis

PÁGINA 16



Uma voz do tamanho do Brasil

Na celebração de 60 anos de carreira, Maria Bethânia abre temporada de seis apresentações no Vivo Rio ao longo deste mês

Por AFFONSO NUNES

Maria Bethânia, a maior voz feminina viva da música brasileira, sobe ao palco do Vivo Rio neste mês para celebrar uma trajetória que começou há exatos 60 anos e se confunde com a própria história da MPB. Os shows deste e dos próximos três fins de semana, às sextas e sábados, coroam uma trajetória memorável. Com sua verve musical que anda de mãos dadas com a teatralidade, assistir Bethânia ao vivo é um ritual de amor à nossa canção popular, uma carta de amor às coisas do Brasil que esta artista escreve tão bem. **Continua na página seguinte**



Jorge Bispo/Divulgação

‘Não era Tropicália nem Bossa Nova’

Reprodução Facebook Maria Bethânia

Abaiana Maria Bethânia Viana Teles Veloso estreou nacionalmente em 13 de fevereiro de 1965, no espetáculo “Opinião”, substituindo Nara Leão por indicação da própria intérprete de “Diz Que Fui Por Ai”. Naquele pequeno teatro de Copacabana, descalça e com o cabelo preso no coque que virou sua marca, Bethânia cantou “É de Manhã” e “Carcará” para um Brasil que vivia sob o jugo da ditadura militar imposta há quase um ano. Era o início de uma caminhada que a levaria a se tornar uma das vozes mais representativas do país.

Desde aquela estreia, a artista pavimentou um caminho próprio, distanciando-se dos rigores estilísticos da bossa nova e até mesmo do rótulo de combatividade política que o público tentou lhe atribuir após o sucesso de “Carcará”. “Voltei cantora da noite, meio cafona, com música que ninguém cantava, de um repertório romântico mais brega, de que eu sempre gostei”, declarou a cantora em entrevista de 2015. “Não era nem Tropicália nem bossa nova. Ambos lindíssimos, e eu passei bem nos dois. Mas do meu jeitinho, sem me aprisionar”, destaca a irmã de Caetano Veloso, detalhando suas escolhas artísticas.

Essa personalidade forte se manifestou desde cedo em escolhas artísticas que privilegiaram as cores fortes e os amores derramados do samba-canção, além de pérolas antigas pouco lembradas na época. O álbum “Recital na Boite Barroco”, de 1968, representa bem esse momento inicial de afirmação de uma identidade própria, que se consolidaria ao longo das décadas seguintes.

A religiosidade, outro pilar fundamental de sua trajetória, começou a se manifestar de forma mais definida a partir de 1969, com a gravação de “Ponto do Guerreiro Branco”. Filha de Oyá, também conhecida como Iansã, e iniciada por Mãe Menininha do Gantois, Bethânia incorporou ao seu repertório pontos tradicionais e canções de inspiração religiosa, como “As Ayabas” e “Iansã”, parcerias de Caetano Veloso e Gilberto Gil. Em “Carta de Amor”, do disco “Oásis de Bethânia” (2012), ela lista de maneira desafiadora as entidades que a acompanham: santos, orixás, espíritos indígenas, diferentes materializações das ancestralidades brasileiras.



Walter Firmo



Gal Costa, Gilberto Gil, Maria Bethânia e Caetano Veloso, os Doces Bárbaros

A potência cênica de Bethânia, evidente desde a estreia no Opinião, se tornou maior a partir da parceria com o diretor Fauzi Arap (1938-2013). Juntos, desenvolveram uma linguagem que se tornou assinatura da cantora: roteiros que cruzam textos e canções, explorando ao máximo sua dramaticidade natural. O primeiro trabalho da dupla foi “Comigo

Em Fevereiro de 1965, Maria Bethânia estreava profissionalmente substituindo Nara Leão no histórico Show “Opinião”, cantando “Carcará”, ao lado de João do Vale e Zé Keti

Divulgação



Mangueirense, Bethânia foi enredo da escola e ajudou a verde e rosa a sagra-se campeã

me Desavim” (1967), mas a linguagem se consolidou nos anos 1970 com espetáculos como “Rosa dos Ventos” (1971), “A Cena Muda” (1974) e “Pássaro da Manhã” (1977).

Essa vigorosa carreira solo não lhe impediu de dividir o palco com o irmão e os amigos Gilberto Gil e Gal Costa nos Doces Bárbaros, grupo formado em 1976, com a

finalidade de realizar uma turnê pelo Brasil para comemorar os dez anos de sucesso em suas carreiras individuais.

O show comemorativo dos 60 anos de carreira retoma exatamente essa sinergia entre música e dramaturgia, tendo como principais referências “Rosa dos Ventos” e “A Cena Muda”. Mas o espetáculo promete trazer inéditas em meio a esses clássicos bethanianos.

A discografia da artista registra momentos marcantes da música brasileira. “Mel” (1979) trouxe clássicos como a canção-título, de Waly Salomão e Caetano, “Cheiro de Amor” e “Da Cor Brasileira”. “Dezembros” (1986) apresentou sucessos como “Anos Dourados”, de Tom Jobim e Chico Buarque, e “Gostoso Demais”, de Dominginhos e Nando Cordel. “Memória da Pele” (1989) incluiu “Reconvexo”, outra composição que Caetano fez especialmente para a irmã.

A partir de “Olho D’água” (1992) e, mais marcadamente, de “A Força que Nunca Seca” (1999), Bethânia se lançou num mapeamento afetivo do Brasil interiorano, que se tornou pilar de sua obra. Com tradução sonora do maestro Jaime Alem, seu parceiro musical por quase 30 anos, a cantora desenhou um país que captura com seu olhar e materializa em seu canto. O exemplo mais acabado dessa proposta se deu em “Brasileirinho”, disco antológico que gerou espetáculo igualmente histórico.

Esse Brasil se manifesta mesmo em projetos conceituais específicos, como “As Canções Que Você Fez pra Mim” (1993), um álbum de releituras definitivas do cancioneiro de Roberto e Erasmo Carlos; Pirata” e “Mar de Sofia” (2006), dedicados às águas, “Que Falta Você me Faz” (2007), declaração de amor a Vinicius de Moraes, ou “De Santo Amaro a Xerém” (2018), parceria com Zeca Pagodinho. A Mangueira, onde foi homenageada em 2016 com o enredo “A Menina dos Olhos de Oyá”, encarna esse Brasil de maneira nítida em “Mangueira — A Menina dos Meus Olhos” (2019).

Celebrada em documentários como “Música é Perfume” (2005) e “Fevereiro” (2017), e pelos milhões de fãs que acompanharam a recente turnê ao lado de Caetano Veloso, Bethânia chega aos 60 anos de carreira como uma das artistas mais relevantes do Brasil, nação que alimenta a artista e que ela o alimenta.

SERVIÇO

MARIA BETHÂNIA - 60 ANOS

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo)

6 a 21/9, sábados (19h) e domingos (18h)

Ingressos esgotados

Almério, voz e violão

Composições do álbum 'Nesse Exato Momento' ganham versões acústicas nesta sexta no Rival Petrobras

Divulgação



Almério, uma das vozes mais representativas da nova MPB

O cantor e compositor pernambucano Almério apresenta seu lado mais intimista nesta sexta-feira (5) no Teatro Rival Petrobras, em seu show “Acústico”, uma versão desplugada de seu mais recente trabalho, o álbum “Nesse Exato Momento” (2024). A apresentação destaca a força interpretativa do artista pernambucano que será acompanhado apenas pelo violonista Rafael Acerbi (ex-As Baías e a Cozinha Mineira).

O repertório reúne composições autorais e releituras pensadas para este show. Entre os destaques estão a faixa-título do álbum, além de “Me Conheço”, “Malabares”, “Suspiro” e “Quero Você”, esta última gravada em dueto com Maria Bethânia e incluída na trilha sonora da novela “Renascer”.

Almério tem se consolidado como um dos nomes mais potentes da novíssima MPB. O artista dosa com precisão elementos da MPB, do pop e das sonoridades nordestinas. Além disso, é uma das vozes mais relevantes da cena musical LGBTQIA+ no país. (A.N.)

SERVIÇO

ALMÉRIO - ACÚSTICO
Teatro Rival Petrobras - Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia | 5/9, às 19h30
| Ingressos a partir de R\$ 60

Os sons do Cone Sul



Divulgação

Músicos do Brasil, Uruguai e Argentina participam na segunda edição do Festival Medio Y Medio no Brasil

Por Affonso Nunes

O Festival Medio y Medio retorna ao Rio para sua segunda edição brasileira com três noites de intensa programação musical no Circo Voador. De sexta a domingo (5 a 7), o evento celebra o intercâmbio cultural entre Brasil, Uruguai e Argentina numa ponte sonora entre os três países.

A programação desta edição revela um cuidadoso equilíbrio entre veteranos consa-

grados e jovens talentos. Chico César abre o festival na sexta com apresentação completa, contando com participação especial de Paulinho Moska, o padrinho do evento.

A mesma noite traz o lendário uruguaio Ruben Rada, figura fundamental da música popular de seu país e pioneiro na fusão entre candombe, jazz e música popular. Complementando a programação, três jovens artistas representam a nova geração hispano-americana: Mat Alba (Argentina), Mari Jasca (Brasil) e Balta (Uruguai), em apresentação

José de Holanda/Divulgação



O uruguaio Ruben Rada (ao lado) e Chico César (acima) encabeçam o line-up do festival

conjunta.

O sábado reserva espaço para Jota.Pê, cantor e compositor que emerge como uma das vozes mais interessantes da nova MPB. O dia também apresenta o Medio y Medio All Stars, supergrupo instrumental que reúne músicos de diferentes gerações e estilos: Arismar do Espírito Santo, Leo Amuedo, Gabriel Grossi e Ajurinã Zwarg. Julieta Rada, filha de Ruben Rada e expoente do novo candombe uruguaio, faz sua estreia carioca, representando a continuidade e renovação da tradição musical de seu país.

O encerramento no domingo aposta na força da cumbia e dos ritmos dançantes. A Orquestra La Delio Valdez, formação argentina de 18 músicos, traz a grandiosidade das grandes orquestras de cumbia. O grupo se estabeleceu como referência no gênero, conhecido por apresentações de grande impacto visual e sonoro. Chacho Ramos & Los Amos del Swing, do Uruguai, complementa a programação com repertório voltado para não deixar ninguém parado.

SERVIÇO

FESTIVAL MEDIO Y MEDIO VOL. 2

Circo Voador (Rua dos Arcos - Lapa)
5 a 7/9, com portões abertos a partir das 20h (sexta e sábado) e 18h (domingo) | Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

Por Affonso Nunes

Após o sucesso da turnê “Celebrando 50 Anos de Estrada”, que gerou sessões extras em diversas cidades brasileiras, Oswaldo Montenegro retorna aos palcos com proposta completamente renovada. O show “O Melhor da Vida Ainda vai Acontecer”, que chega ao Qualistage neste sábado (6) é definido pelo cantor e compositor como uma “reinvenção artística” ao mesclar tradição musical e recursos tecnológicos contemporâneos.

O espetáculo utiliza instrumentos antigos e modernos, clipes, desenhos animados, cenários virtuais e interações audiovisuais para criar experiência imersiva. A inovação principal está na interação entre os músicos no palco e suas projeções no painel de LED, permitindo que Montenegro toque viola de 12 cordas e violão enquanto surge simultaneamente ao piano nas projeções. Essa “brincadeira” tecnológica possibilita que a flautista Madalena Salles, parceira de cinco décadas do artista, multiplique virtualmente seus instrumentos, criando arranjos totalmente novos.

O repertório combina sucessos consagra-



Divulgação

No show, Oswaldo interage consigo mesmo no telão (onde toca piano)

O Menestrel tecnológico

Oswaldo Montenegro incorpora novos recursos para potencializar os arranjos de suas composições

dos do Menestrel como “Bandolins”, “A Lista”, “Lua e Flor” e “Léo e Bia” com a música-título do novo trabalho, cujo clipe já acumula

milhões de visualizações. Destaque especial para “Segue”, composição que Montenegro cantará pela primeira vez ao vivo. A canção,

originalmente gravada por Gonzaguinha nos anos 1980, ganha tratamento emocionante com a voz do saudoso intérprete sendo reproduzida ao final, criando dueto póstumo entre os dois amigos.

A formação conta ainda com o multi-instrumentista Alexandre Meu Rei, responsável pelos arranjos junto com Montenegro, e direção musical de Sérgio Chiavazzoli. O trio se reveza nos instrumentos, explorando as possibilidades criativas da interação entre performance ao vivo e recursos digitais.

A proposta estética mescla sonoridades seresteiras tradicionais com programações contemporâneas, transportando “os sons das ruas para dentro das cidades” através de guitarras e elementos eletrônicos. O resultado configura experiência que combina cinema, teatro e música, mantendo a essência poética do artista enquanto incorpora linguagens visuais modernas.

SERVIÇO

OSWALDO MONTENEGRO - O MELHOR DA VIDA VAI ACONTECER

Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000, Barra da Tijuca)

6/9, às 21h30

Ingressos a partir de R\$ 75

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Inveja branca

Mesmo sendo compositor de sucesso, Leo Jaime gostaria de ter criado certas composições. É este repertório afetivo que está no show que une ele e o tecladista Ricardo Leão nesta sexta-feira (5), no Blue Note Rio, com sessões às 20h e 22h30. São interpretações de grandes clássicos como “For Once In My Life” (Stevie Wonder), “Azul da Cor do Mar” (Tim Maia), e “Chega de Saudade” (Tom Jobim), entre outros.

Divulgação



Cultura popular

Bethi Albano e O Quintal Mágico apresentam espetáculo de cultura popular brasileira neste sábado e domingo (6 e 7), às 15h, nos teatros do Sesc Duque de Caxias e Sesc Madureira. O grupo, formado por cinco integrantes, revisita tradições folclóricas através de canções, danças e brincadeiras interativas. Com entrada gratuita, o show familiar inclui baião, coco, carimbó e cirandas, convidando crianças e famílias a participar.

Divulgação



Roda pro Aldir

Parceiros e admiradores de Aldir Blanc celebram os 79 anos do poeta neste domingo (7), no jardim que leva seu nome, na Tijuca. O evento começa às 12h com aula de Luiz Antonio Simas e segue com roda musical reunindo dezenas de intérpretes cantando sucessos do compositor. Entre os confirmados estão Marina Íris, Pedro Paulo Malta e Simone Franco. A festa inclui feira gastronômica com bares tradicionais da região.

Divulgação



Espaço de samba

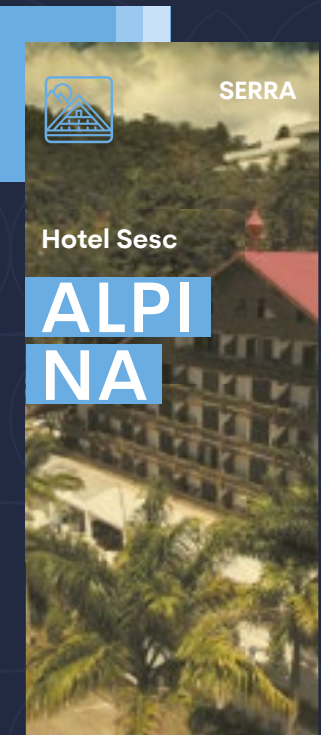
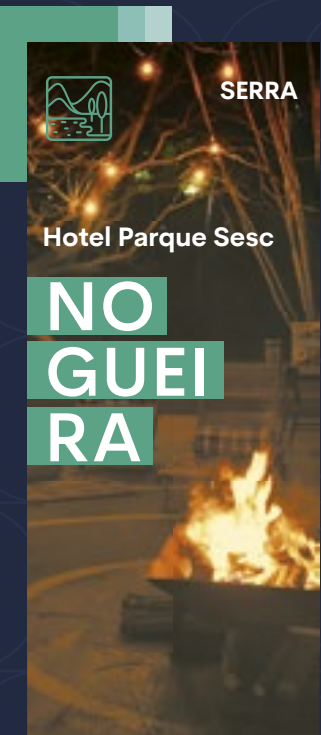
O violonista Paulão 7 Cordas inaugura espaço cultural que leva seu nome neste sábado (6), a partir das 18h, na Rua do Lavradio, 11. O evento marca a abertura do local, mantido pelo grupo cultural Gloriosa, com roda de samba comandada pelo próprio músico, que tem mais de 40 anos de carreira e é diretor musical de Zeca Pagodinho. Ingressos custam R\$ 30. Informações (21) 97924-1699.

Praia & serra & hotéis sesc RJ & VOCÊ

Venha aproveitar
tudo o que os
nossos hotéis
oferecem.

Diárias a partir
de **R\$ 167,00***,
em até 10x
sem juros.

*Valor de R\$167,00 válido para
hospedagens em meio de semana
no Hotel Sesc Nova Friburgo.



LEIA O QR CODE E CONHEÇA
OS HOTÉIS DO SESC RJ E SUAS
TARIFAS ESPECIAIS.



Reservas: (21) 4020-2101



@sescrj





Fause Hatén explora um episódio da vida do pintor Francis Bacon na performance 'Eu Sou Um Monstro'

Multiartista
Fause Hatén
traz ao Rio
performance
inspirada
em episódio
trágico
da vida
do pintor
Francis
Bacon

Dilemas éticos e emocionais expostos

O Teatro Poeirinha recebe a performance "Eu Sou um Monstro", trabalho que marca a estreia carioca do multiartista Fause Hatén nas artes cênicas. A obra, que permanece em cartaz até 26 de outubro, representa o capítulo final de uma trilogia iniciada pelo criador em 2014, completando um ciclo de investigações sobre os limites da arte e as complexas relações entre criadores e suas personas públicas.

Hatén, que construiu sua reputação inicial como estilista nos anos 1990, durante o renascimento da moda brasileira, migrou para as artes cênicas em 2006. Formado pelo Teatro Escola Célia Helena, o artista desenvolveu uma linguagem própria que mescla performance, narrativa e experimentação visual, consolidada nos trabalhos anteriores "A Feia

Lulu" (2014) e "Lili Marlene – Um Anti Musical" (2017).

A gênese de "Eu Sou um Monstro" remonta a um episódio perturbador da biografia do pintor irlandês Francis Bacon. Em 1971, na mesma noite em que o Grand Palais de Paris inaugurava uma retrospectiva em sua homenagem, George Dyer, companheiro do artista, cometeu suicídio no hotel onde estavam hospedados. Bacon e sua agente descobriram o corpo, mas decidiram não comunicar o ocorrido imediatamente para não comprometer a abertura da exposição.

"Eu assisti a um documentário sobre a vida do Francis Bacon e to-

mei conhecimento desse acontecimento que me atordoou", revela Hatén. "Inspirado por esse relato, escrevi um conto ficcional. Depois, surgiu a ideia de transportar a narrativa para o teatro. Comecei a fazer leituras individuais para amigos atores e diretores. A cada leitura, fui fazendo improvisos e registrando tudo, até chegar nesta performance. É uma obra que tem esse momento na vida do Bacon como gatilho, mas é um texto que fala de todos os artistas."

A performance sugere uma reflexão sobre os dilemas éticos e emocionais em torno da criação artística. Hatén questiona os limites entre vida pessoal e obra,

explorando como os artistas negociam suas responsabilidades humanas diante das demandas de suas carreiras. O trabalho também investiga as múltiplas facetas do amor e suas formas de expressão, temas que perpassam toda a trilogia do criador.

Estruturalmente, "Eu Sou um Monstro" desafia as convenções teatrais tradicionais. Hatén desenvolve uma narrativa que oscila entre a intimidade de uma leitura despreocupada e momentos de intensa dramaticidade, criando o que define como "uma espécie de thriller poético". Essa abordagem híbrida reflete sua formação multidisciplinar e sua experiência em

diferentes linguagens artísticas.

A cenografia incorpora o que Hatén denomina "Selfiesculpturas", fotografias-performance desenvolvidas paralelamente ao texto teatral. "A partir de uma pesquisa ou tema, palavras podem vir acompanhadas de imagens, vídeos, pinturas, esculturas e diversos gestos e desdobramentos em várias plataformas", explica o artista. "Durante o ano em que trabalhei o texto, estava fazendo esses experimentos. Algum tempo depois entendi que essas imagens eram os rostos distorcidos das obras do Bacon e representavam as obras do artista que descrevo na minha performance."

Após a primeira apresentação no Sesc Pompeia, em abril de 2024, "Eu Sou um Monstro" cumpriu temporada no Teatro Vivo, em São Paulo, e foi apresentada na Sala do Coro do Teatro Castro Alves, em Salvador.

SERVIÇO

EU SOU UM MONSTRO
Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104 – Botafogo)
Até 26/10, de quinta a sábado (20h) e domingo (19h)
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

Brincadeira teatral divertida

Por **Cláudio Handrey**

Especial para o Correio da Manhã

Encomendado por Drica Moraes para celebrar os seus 40 anos de carreira, “Férias”, de Jô Bilac, um dos melhores dramaturgos contemporâneos, é bem urdida ao investir nos quiproquós de um casal, que comemora bodas de prata e faz um cruzeiro, presente dos filhos. O texto se desconstrói, desvelando ao público o jogo teatral!

O autor apresenta H e M, protagonistas, cultos e afiados, que pretendem quebrar a mesmice do relacionamento ao embarcarem numa viagem transloucada, criando inúmeras citações, como “Dois Perdidos Numa Noite Suja”, numa alusão a peça icônica de Plínio

Marcos, armando uma brincadeira com o próprio teatro. O casal é expulso do navio por comportamento libidinoso e aporta numa praia colombiana, onde se deparam com X e Y, outras personagens enlouquecidas vividas pelos mesmos intérpretes. E o texto vai dando elementos para que atores e diretores possam voar.

A direção de Enrique Diaz e Debora Lamm, em perfeita sintonia com o dramaturgo, aposta num espetáculo ágil, num ritmo delirante, somado a eficiente direção de movimento de Marcia Rubin. Numa explícita ideia de entretenimento, a dupla de diretores acerta em estabelecer uma sujeira cênica, permitindo uma soltura aos intérpretes, que desenvolvem imediata comunicação com a plateia.

CRÍTICA / TEATRO / FÉRIAS

Carlos Costa/Divulgação



Diaz e Drica em química permanente no palco

Para além do bom teatro, há uma química edificada entre Drica e Diaz: amigos de longa data, ex-namorados, criadores da Cia dos Atores, preservando uma conexão absolutamente divertida. Madura e dona do seu ofício, ela concebe suas personagens sem pudor algum, brilhando a cada movimento, a cada palavra proferida, atingindo

o timing, numa performance que nos traz a doce lembrança de atrizes do calibre de Marília Pêra. Impagável a cena que as personagens estão embriagadas, quando Drica faz o público gargalhar, suprimindo sílabas e ainda assim tudo se ouve e se compreende. Uma confusão quando repetem “bad trip, bad trip”, até sair “Brad Pitt”! Na

dramaticidade, que abrange todos os gêneros, a atriz dosa pílulas de delicadeza em rasgos cômicos, em determinado momento que o casal olha pro céu e filosofam sobre a vida.

No cenário de Dina Salem Levy, uma pista de skate é instalada no palco, reforçando o desequilíbrio entre as personagens. O figurino de Antônio Medeiros é criativo com aventais pintados que sugerem órgãos genitais. A luz de Wagner Antônio é aberta, reforçando o conceito cômico, contrastando os diversos momentos e lugares em que as personagens estão situadas. Tudo isso aliado a um final surpreendente corrobora que o teatro encontra eco quando se faz com talento, entrega e amor.

SERVIÇO FÉRIAS

Teatro Claro Mais RJ (Rua Siqueira Campos, 143, 2º piso)
| Até 28/9, sextas (20h30),
sábados (18h) e domingos (17h)
| Ingressos a partir de R\$ 50

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Conflitos morais

A Cia Teatro Esplendor encerra nesta segunda-feira (8) sua nova montagem de “Hamlet”. O espetáculo, protagonizado por Bruce Gomlevsky, traz tradução inédita de Geraldo Carneiro e abordagem física desenvolvida em 11 meses de laboratório. A encenação explora conflitos morais do protagonista e temas como aparência versus verdade, poder e corrupção. A adaptação estabelece diálogo com questões contemporâneas, destacando dilemas éticos atuais através da obra shakespeariana.

Divulgação



Marcio Frias/Divulgação



Interação no palco

Marcos Veras apresenta o espetáculo “Vocês Foram Maravilhosos” no novíssimo Teatro da Ilha neste domingo (7), às 17h. O espetáculo solo combina stand-up e biodrama, abordando paternidade, carreira e família. A apresentação inclui o quadro “Terapia Coletiva”, onde o comediante interage com o público em sessões descontraídas. O show marca a abertura da programação do novo polo cultural da Ilha do Governador. Veras define a apresentação como reflexo de sua maturidade artística, desenvolvida durante a pandemia.

Bianca Tatamiya/Divulgação



Utopias sessentistas

“República Lee – Um musical ao som de Rita” fica em cartaz no Teatro dos 4 até quarta-feira (10). Com texto e direção geral de Tauã Delmiro, a peça retrata cinco jovens paulistanos entre os anos de 1968 e 1969 produzindo filme de ficção científica em sua república. A trama homenageia clássicos sci-fi dos anos 1950 como “O dia em que a Terra Parou”. O musical incorpora sucessos de Rita Lee, incluindo “Agora Só Falta Você” e “Mutante”, criando narrativa nostálgica sobre juventude e cinema independente na contracultura brasileira.

Guto Muniz/Divulgação

SHOW

TARYN

*Com uma estética que revive as divas da música dos anos 1940 e 50, a cantora apresenta o show “Minha História do Jazz ao Cinema”, em comemoração aos 25 anos de sua carreira como intérpete e dubladora. Sáb (6), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

OLHO SAMBAJAZZ

*Conhecido por suas surpreendentes apresentações dominicais em pleno calçadão da Praia de Ipanema, o quinteto instrumental celebra 28 anos de estrada com repertório composto pelas músicas mais ouvidas de seus seis álbuns e performances ao vivo. Sex (5), às 19h30. Espaço Cultural BNDES (Av. Chile, 100 - Centro). Grátis Castro)

AMANDA BRAVO

*Filha do saudoso Durval Ferreira (1935-2007), a cantora resgata o swing dos tempos do Sambalango e a elegância da Bossa Nova em show que homenageia mestres da “Bossa que Dança” como Ed Lincoln, Orlandivo, Miltinho, Elza Soares, Dóris Monteiro e próprio Durval. Sex (5), às 20h30. Beco das Garrafas (Rua Dunivier, 37 - Copacabana). R\$ 60

DANNI CARLOS

*Cantora celebra sua trajetória de sucesso com o show “On The Rocks”, um espetáculo que reúne os grandes hits da sua premiada série de álbuns Rock’N Road. Sáb (6), às 22h30. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

ALAFIÁ JAZZ CLUB

*Formado por Alexandre Berreldi (contrabaixo), Helbe Machado (bateria), Robertinho de Paula (guitarra) e Yumi Park (vocal), o grupo promete uma noite especial de muito jazz, mas sem abrir mão daquele tempero brasileiro. Dom (7, às 20h30). Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana). R\$ 60

RODRIGO JESUS TRIO

*O grupo apresenta clássicos de Tom Jobim, Edu Lobo, Chico Buarque, Wayne Shorter, Pat Metheny, Milton Nascimento, entre outros. Dom (7), às 19h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60



(Um) Ensaio Sobre a Cegueira

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Juliana Cerqueira/Divulgação



Grito Mudo

DANÇA

GRITO MUDO

*Solo de Marcella Dale se estrutura como rito de libertação, onde a dança emerge como linguagem primitiva. Até 23/9, ter (20h). Teatro Cândido Mendes (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

TEATRO

(UM) ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA

*Adaptação do famoso romance do português José Saramago pelo premiado Grupo Galpão (MG). Até 14/9, qua a sex (19h), sáb e dom (17h). Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes, s/nº - Centro). R\$ 80 e R\$ 40 (meia) | Promocional - R\$ 34 e R\$ 17 (meia)

Divulgação



Olho Sambajazz

Divulgação



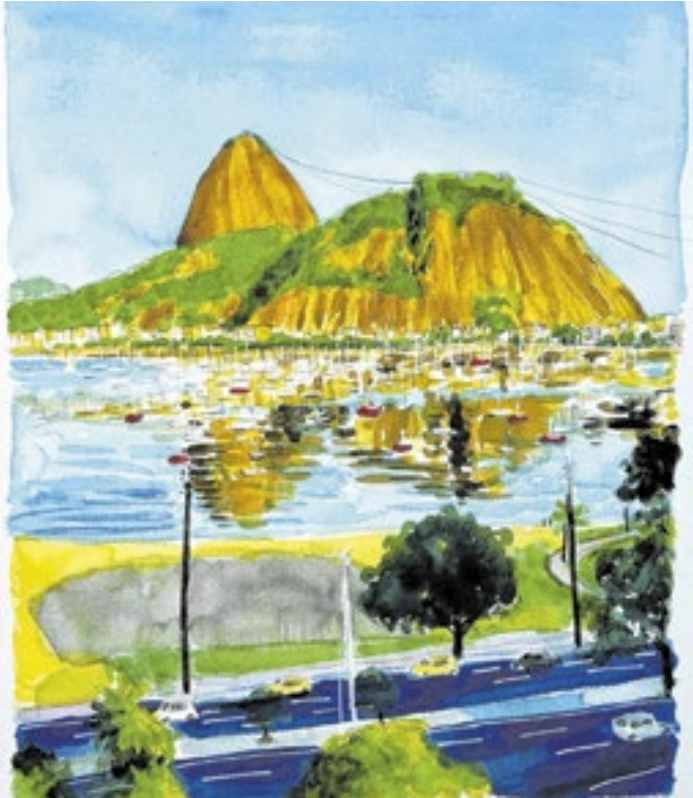
Taryn

Eduardo Alonso/Divulgação



Amanda Bravo

Divulgação



Rio

Divulgação



A Bela e a Fera

HAIR

✱Versão brasileira do consagrado musical da Broadway, símbolo da contracultura dos anos 1960, reúne 30 atores cantores que apresentam canções emblemáticas como “Aquarius” e “Let the Sunshine In”. Até 21/9, qui e sex (20h), sáb (16h e 20h) e dom (15h). Teatro Riachuelo Rio (Rua do Passeio, 38). A partir de R\$ 50

NÓS

✱Texto do britânico David Persiva, com direção de Daniel Dias da Silva, chega aos palcos brasileiros confrontando os momentos de início e do fim no relacionamento de um casal. Até 28/9, sex (19h), sáb (19h) e dom (19h). Teatro Futuros (Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

EXPOSIÇÃO

ENTRE AIYÊ E O ORUN

✱Um mergulho em obras que remetem aos mitos da criação do mundo segundo as mitologias das religiões de matriz africana. Até 26/10, ter a dom. Caixa Cultural (Av. Almirante Barroso, 25 - Centro). Grátis

RIO

✱No ano ano que se comemora os 200 anos da relação comercial Brasil-França, o artista plástico Jérôme Pignard apresenta suas aquarelas que retratam as paisagens e o cotidiano da Cidade Maravilhosa. Até 5/10, seg a sex (9h às 20h) e sáb (9h às 19h). Galeria Gilson Martins (Rua Visconde de Pirajá, 462 - Ipanema). Grátis

ESTRELAS

✱Wilson Piran apresenta retratos de personalidades brasileiras em purpurina sobre tela. Até 11/10, seg a sex (11h às 19h) e sáb (11h às 17h). Danielian Galeria (Rua Major Rubens Vaz, 414, Gávea). Grátis

RIO ACIMA

✱Imersão na cosmologia do povo Kuikuru pelo olhar de três artistas após período de vivência no Xingu. Até 12/10. Galeria de Arte do Sesc Niterói (Rua Padre Anchieta, 56 - São Domingos). Grátis

CORPO MANIFESTO

✱O artista visual e performativo Sérgio Adriano H reúne uma seleção de seus trabalhos de fotoperformance, escultura, pintura, instalação e vídeo em exposição que ressignifica a existência da população preta através de forte denúncia do racismo estrutural e seus impactos sociais. Até 15/9, ter a dom (9h às 21h). Centro Cultural Banco do Brasil RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

FRESTAS

✱A artista plástica Renata Tassinari apresenta quatro décadas de uma trajetória dedicada à investigação das fronteiras entre pintura e escultura. Até 22/9, ter a dom (9h às 21h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

PAISAGENS E PESSOAS

✱Imagens que retratam os costumes do Rio na época da chegada do desenhista francês Jean-Baptiste Debret durante o Brasil Colônia. Até 29/9, de qua a seg. CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

INFANTIL

A BELA E A FERA

✱Em uma aldeia francesa acontece o encontro da jovem Bela e Fera, príncipe amaldiçoado por sua arrogância que busca o amor verdadeiro para quebrar o feitiço. Até 7/9, sáb (17h) e dom (17h). Teatro dos Grandes Atores (Av. das Américas, 3555). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

EVENTO

SAMBA DA FEIRA

✱O Polo Novo Rio Antigo estreia projeto que une música, gastronomia e cultura no coração da Feira Rio Antigo, na Rua do Lavradio. Sáb (6), das 10h às 19h. Rua do Lavradio. Grátis

**festival
biarritz
amérique
latine**
cinémas & cultures

Cidade francesa, na fronteira com a Espanha, celebra o cinema brasileiro na 34ª edição de seu festival, dedicado às vozes autorais da América Latina

Biarritz, embaixada cinéfila do Brasil

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Há de se ouvir o português, com um tempero pernambucano de coentro e o molejo baiano de Wagner Moura, já, já em Biarritz, éden à beira-mar situado no Sudoeste da França e povoado por 25,7 mil moradores, que se estende por uma área de 11,66 km², localizada a 35 km da fronteira com a Espanha, em território basco. “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho, vai se fazer ouvir (e aplaudir) por lá no próximo dia 20, inaugurando a 34ª edição da maratona audiovisual que, desde o fim da década de 1970, fez daquela cidade uma embaixada cinéfila da América Latina.

O festival anual daquela região serve de vitrine para produções do continente de colonização ibérica entrarem no radar do circuito europeu, tanto o francófono, quanto o espanhol, uma vez que San Sebastián - onde ocorre, quase na mesma época, uma das mais prestigiosas competições de longas-metragens do planeta - fica ali do lado. Aliás, Kleber vai estar por SS também, projetando seu candidato a cult (ímã de Oscars) na mostra Perlak. Antes, no balneário francófono, KMF vai inaugurar uma programação que traz o Brasil em muitas latitudes, incluindo as competições de ficção e documentário, além do certame de curtas.



O filme ‘O Agente Secreto’, de Kleber Mendonça Filho, será exibido no próximo dia 20, data de abertura do festival que fez do balneário francês uma embaixada do cinema latino americano

“Uma vez que o ‘O Agente Secreto’, depois de suas vitórias recentes em Cannes (onde ganhou quatro laúreas), virou um dos filmes mais importantes do ano, no mundo, a América Latina se fortalece com ele e passa pelas telas do planeta com um projeto estético

sólido, num momento em que o cinema de autor vive uma crise internacional”, diz Jean-Christophe Berjon, crítico e diretor teatral que assina a direção artística de Biarritz. “Com o retorno de Lula e a política em transformação, o Brasil está em grande

forma, o que justifica sua presença em todas as nossas seções, com filmes humanistas, que olham a sociedade sob miradas diversificadas”.

Duas diretoras brasileiras estão no páreo pelos prêmios de longas ficcionais de

Divulgação



Divulgação

'As Vitrines' leva o golpe de estado do Chile, em 1973, a Biarritz numa ótica brasileira, sob a direção de Flavia Castro

Divulgação



O documentário 'A Hora do Recreio' rendeu menção especial à diretora Lucia Murat na Berlinale, em fevereiro



Divulgação

Atuações devastadoras de Marjorie Estiano e Alexandre Nero fizeram de 'Precisamos Falar' um dos filmes de maior vigor da leva nacional

Divulgação



Um dos docs. selecionados para Biarritz, 'Para Vigo me Voy' foca na trajetória do cineasta Cacá Diegues

po com "Hora do Recreio", que lhe rendeu menção honrosa na Berlinale, ao falar de estudantes do ensino público. Além dela, a seara latina de documentaristas em disputa em Biarritz joga holofotes sobre o Brasil aos flunar pelas instalações geopolíticas de "Copan", dirigido por Carine Wallauer, com foco na construção homônima. Na seção "Cortometrajes", vão ter resquícios de brasilidade em "Samba Infinito" (que tem Gilberto Gil como ator) e "Presépio", de Felipe Bibian.

Nas veredas fora de concurso, "Malaika", de André Moraes, vai gerar debate ao falar de exclusão, a partir de uma jovem albina. Nessa leva hors-concours de Biarritz, o cinema do Rio de Janeiro pede passagem com o explosivo "Precisamos Falar", de Rebeca Diniz e Pedro Waddington. O roteiro de Sergio Goldenberg - baseado no romance "O Jantar", de Herman Koch, e supervisionado por George Moura - é uma aula de dramaturgia, apoiado numa direção nervosa que lembra muito o italiano Marco Bellocchio de "Bom Dia, Noite" (2003). É o melhor filme de Bellocchio que Bellocchio não fez. Na trama, adolescentes de classe média alta agredem uma mulher em situação de rua que dormia em um caixa eletrônico e ela acaba morrendo. As câmeras não permitem identificar os culpados, mas seus pais (dois irmãos e suas esposas) os reconhecem e precisam enfrentar o dilema de denunciá-los ou não à polícia. A magistral atuação de Alexandre Nero e a devastadora composição de Marjorie Estiano no papel de uma Lady Macbeth de Zona Sul fazem desse ensaio sobre o maquiavelismo uma aula de sociologia - e de bom cinema.

"Meu Nome É Bagdad", premiado drama geracional de 2020 de Caru Alves de Souza, que acaba de virar série, terá lugar em Biarritz também. Por lá será visto ainda "Para Vigo Me Voy!", .doc em tributo a Cacá Diegues (1940-2025), coroado com menção honrosa em Gramado.

"Biarritz preservou um público forte ao longo das três décadas em que propõe encontros amorosos com a América Latina, a partir de seu cinema, explica Berjon, que lança este ano um programa paralelo chamado Migrações, para falar de êxodos geográficos, onde está o longa de DNA pernambucano "Dormir de Olhos Abertos", de Nelle Wohlatz. "O movimento migratório é muito representativo da realidade latina e inspirou produções de importância histórica como 'Terra Estrangeira', de Walter Salles e Daniela Thomas, que foi um marco há 30 anos".

Biarritz termina em 26 de setembro.

Biarritz: Flavia Castro e Anna Muylaert. A primeira concorre com "As Vitrines", que será exibido por aqui no Festival do Rio, em outubro, narrando a agitação de ativistas de esquerda na embaixada da Argentina, logo após o golpe de estado de Pinochet no Chile, em 1973. Já Muylaert levar até lá o misto de aventura e melodrama, já em cartaz no Brasil, sobre uma catadora de material reciclável (Shirley Cruz, em estonteante atuação) que foge da violência no namorado. Elas concorrem com títulos de peso, como "Um Poeta", da Colômbia, que saiu premiado de Cannes e coleciona troféus por onde passa. Outra concorrente forte é "Belén", da portenha Dolores Fonzi, sobre aborto.

Na competição de expressões documentais, a aclamada Lucia Murat entra em cam-

ENTREVISTA / PATRICIA MAZUY, CINEASTA

‘É mais difícil ser livre na riqueza do que na pobreza’

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Cults como “Rififi” (1955) e “O Samurai” (1967) são provas históricas do quanto os franceses amam o filão policial – apelidado por eles de polar – e o quanto o cinema daquela pátria busca construir uma cartilha muito pessoal em torno do gênero (do qual Hollywood usou e abusou), conectando-o com temas políticos ou existenciais – o que o é caso da obra de Patricia Mazuy. A diretora é hoje uma diva dessa linhagem narrativa, elogiada nas páginas da revista “Cahiers du Cinéma” (Bíblia do audiovisual) pela força imagética de sua recorrente imersão nos códigos das narrativas criminais.

Consagrada por “Paul Sanchez Está De Volta” (2018), ela refina seu estilo de retratar a Lei – e a bandidagem – no doloroso “A Prisioneira de Bordeaux” (“La Prisonnière De Bordeaux”), sensação da Quinzena de Cineastas do Festival de Cannes de 2024 que caminha para um mês em cartaz no Brasil. Seu roteiro propõe um ensaio sobre alteridade no bastidor do universo carcerário.

Isabelle Huppert interpreta Alma Lund, uma mulher de classe alta que vive sozinha desde a prisão do marido. Num dia de visita a ele, conhece Mina Hirti (Hafsia Herzi), uma jovem mãe que foi visitar o companheiro, mas, por questões burocráticas, não poderá vê-lo e deve voltar no dia seguinte. Ela mora longe – em uma cidade a três horas de distância. Alma simpatiza com ela e oferece estadia em sua casa. Começa aí uma amizade improvável, que toma contornos inesperados, num filme que discute violências econômicas.

“Ando atenta à dificuldade de diálogo que as pessoas têm hoje em dia, num espaço silencioso quase intransponível, de onde vem a brutalidade”, disse Patricia ao Correio



Alexandre Ean/Divulgação

da Manhã em entrevista via Zoom.

Em 2022, depois de concorrer ao Leopardo de Ouro de Locarno com “Boliche Saturno”, a realizadora nascida em Dijon, há 65 anos, ganhou uma retrospectiva integral de sua obra no Festival de Mar Del Plata, na Argentina, o que aproximou sua filmografia

da cinefilia latina. Na conversa a seguir ela analisa o simbolismo sociológico de “A Prisioneira de Bordeaux”.

Qual é a linha moral que calça a relação entre Mina e Alma no seu filme?

Patricia Mazuy - Uma suspeita de que é

mais difícil ser livre na riqueza do que na pobreza. Há uma luta de classes em algum lugar nesta narrativa, numa dramaturgia sobre amizade. Se o meu filme anterior, “Boliche Saturno”, um thriller, aproximava-se do trágico, “A Prisioneira de Bordeaux” caminha numa direção melodramática, embora exista, na figura de Mina, espaço para o riso. Ei li muita literatura policial, que chamamos de polar na França, em especial Donald Westlake (auto de “O Corte”), o que me deu uma base de criação para esse universo.

A prisão seria uma espécie de terceira protagonista, além das personagens de Hafsia Herzi e de Isabelle Huppert?

A prisão é uma metonímia da liberdade. É um espaço social desumanizado em que as relações ocorrem sob vigilância. Reproduzi o ambiente carcerário que pesquisei em estúdio, a fim de criar uma quase fábula sobre o que o dinheiro compra. A solidão das duas mulheres principais vem do fato de elas também estarem presas, nas numa cadeia, mas no amor por seus maridos.

Como foi o trabalho com o fotógrafo Simon Beaufils, que virou seu parceiro habitual?

Temos uma dinâmica de criação que começou antes da filmagem, na busca por uma luz mais doce. Sempre que se fala de um universo carcerário, fala-se de muros, da barreira que separar os internos da sociedade. Queríamos espalhar uma sensação de confinamento que fosse além das grades do presídio.

Como a senhora avalia o sistema de produção na França hoje?

É mais fácil projetar um filme aqui do que em muitos outros países, em função dos apoios que temos, mas a chegada das plataformas digitais tem mudado o cenário.

A senhora participou do júri da competição de cineastas estreantes do Festival de Locarno, que coroou a canadense Sophy Romvari, pelo filme “Blue Heron”. Como foi participar do evento suíço, que consagrou seu “Boliche Saturno”, em meio ao desenvolvimento de um novo projeto?

Estou escrevendo um novo roteiro agora, mas foi excitante poder voltar lá sem o estresse de estar concorrendo, apenas para ver bons filmes. O problema com Locarno é que lá, por conta da moeda (o franco suíço), uma pizza custa o equivalente a 20 euros.

Viva o amor por Tsai Ming-liang

Artesão de um cinema considerado 'desindustrial', o diretor egresso de Taiwan leva o Prêmio Fipresci em Veneza pelo conjunto de sua carreira e exhibe filme novo na reta final do festival



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Nesta semana em que atribuiu ao cinema brasileiro uma honraria histórica inédita, ao anunciar “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, como o ganhador do Grand Prix Fipresci de 2025, a Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica aproveitou sua presença no Festival de Veneza para prestar um tributo a um pilar da Ásia nas narrativas audiovisuais, seja em filme, seja em vídeo: o diretor Tsai Ming-liang. Coube a ele o Prêmio de Carreira Fipresci 100, numa referência ao fato de a associação ter se tornado centenária em 2025.

Envolvido em projetos de um radicalismo experimental pleno, dignos da videoarte, porém concebidos para salas de projeção, como “Abiding Nowhere”, o malaio radicado em Taiwan não se aventura mais por narrativas de jornada como “Vive L'Amour”, que lhe rendeu o Leão de Ouro em 1994. Na quinta-feira, essa produção voltou ao Lido, em versão restaurada, numa homenagem à sua relevância para as representações do desejo. Sua trama cria um mosaico da vida cotidiana em uma vila do Laos, registrando rotinas em edifícios, fazendas, mercados e tempos religio-



Divulgação

“Vive L'Amour”, mosaico da vida numa vila em Laos, recebeu o Leão de Ouro de 1994

Divulgação



O taiwanês Tsai Ming-liang com os emissários da Fipresci em Veneza

sos. Paralelamente à sua projeção, a terra das gôndolas estreia nesta sexta um longa inédito dele, que pode ser descrito como .doc: “Back Home”.

A Federação justifica o prêmio ao diretor de 67 anos graças à “compreensão que Tsai tem do cinema, não apenas como entretenimento e prática de lucro, mas como forma de arte que requer tempo, cuidado e

meditação. Sua liberdade em desafiar restrições e definições estereotipadas fizeram dele o artista ideal para ser homenageado pela nossa Federação”.

Há 12 anos, Veneza deu o Grande Prêmio do Júri a ele por “Cães Errantes”, que, ao ser exibido no Rio, no Cine Joia, dividiu plateias, entre vaías e ovação reação comum ao que ele faz. Já ocorreu isso em Cannes e

Berlim, onde sempre há espaço para o realizador, que estreou nos longas com “Rebeldes Do Deus Neon” (“Qing Shao Nian Nuo Zha”, 1992). O que faz hoje, devotado a pesquisas sobre realidade virtual, não põe na lixeira o que fez no início de uma aclamada carreira, coroada mundialmente com 65 troféus, entre eles o Leopardo Honorário do Festival de Locarno. Tsai respeita sua caminhada. “Não sou mais jovem, percebo ser incapaz de ter a força para rodar certos planos que fazia no passado, mas sinto que meu interesse hoje se concentra em gestos que desindustrializem o cinema, pensando sempre na tela grande”, disse Tsai ao Correio.

A consagração de seu “O Buraço” em Cannes, de onde saiu com Prêmio da Crítica em 1998, foi um passo adiante no estabelecimento de uma carreira sempre interessada em

pensar cidades e suas solidões. “Faço filmes silenciosos porque os barulhos da cidade nos servem como uma trilha sonora”, diz.

Essa dimensão silenciosa que persegue hoje é o eixo autoral de seus filmes. A quietude é a marca de “Back Home”, que terá sessões neste sábado em Veneza. Seu protagonista, Anong é um dos muitos laosianos que deixaram sua terra natal. “Falo de homens em instâncias distintas da linguagem, que não falam a mesma língua, mas se encontram”, explica.

Há um ano, ele tem rodado eventos acompanhando a exibição da cópia nova de “O Sabor da Melancia” (2005), que comemora duas décadas de sua estreia ainda pontuado de ousadia. É um ensaio sobre corpo, sexo e querer, que brinca com a tradição do musical asiático. “Abiding Nowhere” vai por uma margem oposta. Nele, Kang-Sheng passa todo o tempo a tráfegar por Washington, a partir de um mergulho num rio, onde imerge, emerge e flutua. Sua cabeça raspada e sua túnica rubra lhe dão um perfil de monge. “A partir de 2017, eu passei a me expressar modelos de captação de imagens que não me permitem fazer closes e outras conjugações dos verbos cinematográficos clássicos, mas me habilita a fazer descobertas no terreno da textura”, disse Tsai. “É um futuro possível. Para chegar a ele, preciso preservar o passado. Preciso manter meus filmes de ontem vivos”.

Faltando horas para Veneza terminar, uma produção tunisiana de Kaouther ben Hania, “The Voice of Hind Rajab”, desponta com certo favoritismo para a premiação apoiada numa recriação da violência em Gaza. A trama volta no tempo até 29 de janeiro de 2024. Ali, voluntários da Cruz Vermelha recebem uma chamada de emergência: uma menina de seis anos está presa num carro sob fogo cruzado, implorando por socorro. Seu nome era Hind Rajab. Daí já se imagina a comoção até a chegada da ambulância. Neste sábado o júri presidido pelo diretor Alexander Payne, com Fernanda Torres no time votante, dá seu veredicto. Há muita chance de Guillermo Del Toro e François Ozon serem premiados por adaptações literárias, com versões personalíssimas de “Frankenstein” e “O Estrangeiro”.

CRÍTICA / FILME / INVOCAÇÃO DO MAL 4: O ÚLTIMO RITUAL

Annabelle vai pro quinto dos Infernos

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Com fortes chances de conquistar o Leão de Ouro do Festival de Veneza, neste sábado, à força do “Frankenstein” de Guillermo Del Toro, o terror vive um momento de apogeu não apenas comercial, como também artístico, em 2025, depois que Ryan Coogler devassou o racismo com vampiros em “Pecadores” (faturando US\$ 366 milhões) e após a bruxa de “A Hora do Mal” se refestelar nas bilheterias, arrecadando US\$ 237 milhões. Teve horror autoral no Festival de Locarno (“Drácula”, do romeno Radu Jude) e em Cannes (“Animais Perigosos”).

É nesse cenário que James Wan, artesão do gênero, nascido há 47 anos na Malásia, sob cidadania australiana, “baixa” no circuito, como produtor da quarta parte da franquia “The Conjuring”. Iniciada em 2013, ela é encarada como uma máquina de lucrar. Traduzida aqui como “Invocação do Mal”, essa cinessérie se baseia nos feitos reais do ca-



Divulgação

O casal Warren espreita o mal em ‘Invocação do Mal 4: O Último Ritual’

sal Warren, a sensível Lorraine Rita (1927-2019) e o demonologista Edward Miney (1926-2006), que investigaram a veracidade de casos paranormais, sendo alguns ligados a manifestações de diabos na Terra. Wan dirigiu os dois filmes iniciais.

O primeiro, lançado há 12 anos, custou

US\$ 20 milhões e faturou cerca de US\$ 320 milhões. O segundo, de 2016, periga ser a maior obra-prima do filão horrorífico do século 21. Custou US\$ 40 milhões e contabilizou US\$ 322 milhões na venda de ingressos. Lucrou uma fortuna e lançou dois vilões que ganharam spin-offs rentáveis: a boneca encapetada Annabelle e

o trem-ruim A Freira. Há uma parte três, lançada na pandemia, dirigida por Michael Chaves, sob os auspícios de Wan, feita com verba de US\$ 39 milhões, cuja receita encosta em US\$ 206 milhões. É Chaves quem pilota o “Invocação 4” e o faz com destreza.

O acerto de Wan – realizador que virou sensação ao lançar “Jogos Mortais”, há 20 anos –, em sua imersão nas veredas demoníacas, foi não temer o jump-scare, recurso estilístico no qual o susto é um motor de catarse da plateia. Seu engendramento físico hoje é considerado demodê, mas Wan comprovou sua eficácia, além de ter contestado a máxima de que filmes de terror não têm heróis, mas, sim, sobreviventes. Lorraine e Ed, interpretados numa alquimia plena por Vera Farmiga e Patrick Wilson, são heroicos, usando a paranormalidade e a palavra de Deus como armas. Em “O Último Ritual”, eles estão aposentados, às voltas com o futuro casamento da filha, Judy (Mia Tomlinson), que também tem mediunidade, com o ex-policia Tony (Ben Hardy, o destaque do elenco). A calmaria que desejam abraçar é interrompida depois de manifestações de espíritos zombeteiros (perigosíssimos), confinados num espelho, em uma casa. Esses espectros fazem parte de uma missão pregressa que os Warren não concluíram e voltam numa trama avessa a moralismos que faz a gente quicar na cadeira, numa edição sinuosa que se delicia com a atuação primorosa de Farmiga e Wilson.

CRÍTICA / FILME / O FILHO DE CHUCK

Arrasta-pé metafísico



Divulgação

Mark Hamill, o eterno Luke Skywalker, encarna um avô às voltas com o luto em ‘A Vida de Chuck’

tas outras ações no longa-metragem de Mike Flanagan (de “Ouija: Origem do Mal”), que se descortinam ao bel-prazer do Acaso.

Essa divindade marota parece ter esco-

lhido o personagem de Hiddleston, em fases diferentes de sua vida – contadas numa narração em off de Mick Offerman –, como o epícentro de um turbilhão de situações trágicas,

inclusive para a Humanidade. Tudo começa com o protagonista no leito de morte, por um tumor cerebral, e algo em sua existência, sem explicação, detona estranhos incidentes que deflagram o fim do mundo – Stephen King, né! –, motivando pessoas a se reaproximarem.

Assim começa uma produção estruturada em três atos, que vai do Hoje para o Ontem, retrocedendo elegantemente no tempo, de ato em ato, até vermos o pequeno Chuck crescer com os avós, interpretados encantadoramente por Mia Sara (de “Curtindo a Vida Adoidado”) e Mark Hamill, o eterno Luke Skywalker, que hoje tem 73 anos. Esse estudo metafísico de Flanagan sobre rearranjos afetivos é baseado na coletânea “If It Bleeds”, publicado por King em 2020. A conquista do prêmio principal do TIFF-Festival de Toronto, em 2024, jogou holofotes nessa joia, de montagem impecável. (R. F.)

É difícil pensar num musical – sobretudo de Hollywood – feito depois do sagrado “Moulin Rouge” (2001) que tenha uma sequência de dança tão contagiante quanto a de “A Vida de Chuck”, um experimento narrativo entre o drama, o filme-catástrofe e ficção científica cujas raízes se fincam na prosa de Stephen King.

O contador Chuck (Tom Hiddleston, o deus Loki da Marvel) se solta sem amarras, na rua, à luz do dia, num arrasta-pé com uma jovem que nunca viu antes, Janice (Annalise Basso), ao ser tomado pela batida da percussão de uma musicista (Taylor Gordon) que se apresenta pelas esquinas de uma cidadezinha. Ninguém ali conhece ninguém, mas a percussão inebria um sujeito que encontrou nos números seu ganha-pão e fez do verbo “dançar” um abrigo para a orfandade e para a timidez.

Seu requadrado performático é um gesto súbito, sem razão aparente, assim como mui-

CRÍTICA / LIVRO / HERANÇA MACABRA

Sobre teoria, literatura e realidade

Por Olga de Mello

Antrevista da tradutora e professora Aurora Bernardini e suas considerações sobre Itamar Vieira, Annie Ernaux e Elena Ferrante, que, a seu ver, não fazem literatura, deixaram as redes sociais em polvorosa. Bernardini conquistou aplausos de uns por insurgir-se contra os best-sellers em geral, mas foi condenada pelos que a veem como anacrônica e elitista.

Separar a escrita medíocre do que vai “ficar” é praticamente impossível em tempos de desconstrução incessante. Só quem estiver no planeta daqui a dois séculos poderá constatar quais autores se tornaram clássicos. Enquanto se fala, como Bernardini, em conteúdo privilegiado em detrimento da forma, em escritores que não ousam experimentar novas formas de narrativa, poucos leitores se aproximam desse debate teórico. Só o tempo consagra os clássicos – e nem sempre as experimentações criativas perduram, como o nouveau roman francês, mais preocupado detalhar ambientes aos quais estariam subordinados trama e personagens.

A eterna rotulação do que é artístico e o que é apenas popular por sua simplicidade em atingir grandes públicos interessa mais aos acadêmicos do que ao próprio mercado editorial, sustentado, no mundo inteiro por



Verónica E. Llaca constrói uma narrativa ficcional sobre a maior serial killer do México em ‘Herança Macabra’

livros de temática religiosa, autoajuda, biografias e romances sem grande profundidade. Um dos gêneros mais desprezados pelos es-

pecialistas em literatura, o romance policial, têm seus fãs entre os próprios estudiosos, que incensam autores como Dashiell Hammett

e Patricia Highsmith. Popularíssimo, o segmento também obedece às ondas de mercado. Atualmente, sobram os enredos que alternam flashbacks e momentos do presente narrativo. E se a maioria é previsível, há os que surpreendem os admiradores do suspense, como “Herança Macabra” (Faro Editorial, R\$ 57,90), da mexicana Verónica E. Llaca, que cria uma teoria ficcional em torno de Felicitas Sanchez Aguillón, talvez a maior serial killer do México, acusada de matar incontáveis recém-nascidos entre 1910 e 1941.

Llaca monta um mosaico de personagens sinistros, que congregam bons e maus sentimentos, entre eles os filhos (fictícios) da assassina. Parteira e aborteira, Felicitas traficava os bebês indesejados, assassinando os que não conseguia dar para adoção. A maternidade biológica, indesejada, almejada ou renegada, além da carga genética que determinaria propensão para o crime angustiam os personagens. Não faltam elementos reais pavorosos, como os corpos de criancinhas encontrados na rede hidráulica da casa de Felicitas, um nome que contradiz seu próprio significado. Talvez Verónica E. Llaca não faça a literatura que a Academia quer entronizar, mas criou um vira-páginas que faz o leitor continuar refletindo depois de fechar o livro. Não é isso o que a arte deve propor?

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

“PARTIDA AO CAIS” (Urutau, R\$ 55), de Carla Mühlhaus, traz as mulheres (dos) surrealistas, cujas carreiras foram obliteradas pelas de seus companheiros, para traçar uma história ficcional atriz Elizabeth Short, conhecida como Dália Negra, assassinada aos 23 anos, em Los Angeles. Encontrado em um terreno baldio, o corpo da jovem parecia compor um quadro surrealista fotografado por Man Ray. A morte da mãe da narradora é o que a se debruçar sobre a obra de Leonora Carrington e Frida Khalo, entre outras artistas, em uma narrativa onírica que busca dar voz a tantas criadoras, que tiveram reconhecimento tardio, quando não depois de morrerem.



“O REI DE FERRO” (Bertrand Brasil, R\$ 69,90), de Maurice Druon, primeiro dos sete volumes dos romances históricos “Os Reis Malditos”, ganha sua décima segunda (!) edição brasileira. Lançada originalmente em 1955, a série começa com a morte do último mestre da ordem dos Templários, que teria amaldiçoado o rei francês Felipe, o Belo, um ministro de Estado e o papa da época. Coinidência ou não, os três morreram no período de um ano após a execução, confirmando a lenda da maldição, que se estenderia aos descendentes do rei. A linguagem é antiquada, mas a trama irresistível!



“O 8 DE JANEIRO QUE O BRASIL NÃO VIU” (Intrínseca, R\$ 59,90), de Ricardo Capelli, é seu relato sobre o período em que o jornalista, então secretário-executivo do Ministério da Justiça, ficou como interventor à frente da Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal, a partir da invasão e depredação das instalações do Congresso, do Palácio do Planalto e do Supremo Tribunal Federal por uma multidão de simpatizantes do ex-presidente Jair Bolsonaro. Dois anos e meio depois, o ex-presidente e integrantes da cúpula político-militar de seu governo respondem a processo por tentativa de abolição do Estado democrático de direito golpe de Estado.



Experiências que *cabem no seu almoço*

Divulgação



Pato com Laranja

Por **Natasha Sobrinho**
 (@restaurants_to_love)

Especial para o Correio da Manhã

Os menus executivos são a oportunidade perfeita para descobrir restaurantes especiais por um preço mais acessível. É a chance de explorar novos sabores, experimentar pratos assinados por chefs e transformar o almoço da semana em uma pausa prazerosa. Uma experiência completa que une qualidade, praticidade e um ótimo custo-benefício. Confira o roteiro que o Correio da Manhã preparou para você escolher seu favorito:

CASA HORTO - No Pátio, restaurante comandado pelo chef argentino Adair Herrera, oferece uma experiência gastronômica completa com seu menu executivo (a partir de R\$ 62), recheado de opções que agradam a todos os paladares. O cardápio inclui uma entrada do dia, seguida por uma seleção de grelhados. Entre as opções de proteína estão cortes nobres como bife de chorizo (R\$ 98), Ancho (R\$ 99), Filé Mignon (R\$ 96), coxa e sobrecoxa marinada (R\$ 62), bife à milanesa argentino (R\$ 74), além do peixe do dia (R\$ 84). Para acompanhar, há uma variedade de guarnições, como arroz, farofa, penne ao sugo e legumes na brasa. Para encerrar, o cliente pode escolher entre a sobremesa do dia ou fruta da estação. O menu executivo é servido de terça a sexta, das 12h às 16h, exceto feriados. Rua Pacheco Leão 696, Jardim Botânico. Tel: (21) 93618-6310.

FERRO E FARINHA - A unidade do Shopping Leblon da marca é a única casa que abre para horário de almoço e que oferece menu executivo batizado de "Almoço a Lenha", no melhor formato: proteína + acom-

Confira abaixo um roteiro de ótimos menus executivos nos restaurantes cariocas

Rodrigo Azevedo/Divulgação



Jurubeba

Divulgação



Jappa da Quitanda

panhamento a escolha do cliente. Entram em cena o Filetto Al Pepe (R\$ 79), feito na parrilha com molho poivre; o Wood-Fired Salmon (R\$ 85), pincelado na manteiga e grelhado na lenha. O Fired-Grilled Chicken (R\$ 69), é preparado na parrilha também, com molho de alcaparras e mel, e por fim o Ferro Milanesa (R\$ 79), empanado em pão a lenha e finalizado com manteiga de tomilho e molho pomodoro à parte. Para acompanhar sugestões como arroz de forno a lenha, capellini na manteiga com prangattato e salada da casa. O almoço a lenha funciona de segunda a sexta, sempre das 12h às 16h e inclui uma entradinha do dia. Av. Afrânio de Melo Franco, 290 - 4º piso. Tel: (21) 97443-5192.

JAPPA DA QUITANDA - Com unidades em Copacabana, Ipanema, Barra Shopping e Vogue Square, o restaurante japonês oferece duas versões do seu menu executivo. O Clássico (R\$ 69) que inclui entrada, prato principal e sobremesa do dia, e o Premium (R\$ 89,90) com três entradas, prato principal

Rodrigo Azevedo/Divulgação



Ferro e Farinha

Divulgação



Casa Horta

e sobremesa do dia, para uma experiência mais completa. Entre as entradas, estão: Missoshiru, Edamame, Gyoza de Porco, Bolinho oriental com aioli de wasabi, e Sunomono. Como prato principal, é possível escolher entre: Linguine al Limone com atum selado e missô de furikake, Salmão grelhado ao molho de gengibre com batatinhas e brócolis salteados, ou Combinado Al Mare (16 peças). Para finalizar: sobremesa do dia. Rua Barão da Torre, 422 - Ipanema. Tel: (21) 97374-3030.

JURUBEBA - O bar do chef Elia Schramm em Botafogo, agora oferece um menu de almoço fixo, que inclui o PF de Carne (R\$ 42), de carne assada com arroz, feijão, farofa e fritas; o Bottaveggie (R\$ 41) que vai com burger de lentinha, purê de abóbora, coalhada e granola salgada; o "Pasta & Salsiccia" (R\$ 43), rigatoni com ragù de linguiça toscana, molho pomodoro e parmesão e outras duas sugestões. Além da "Sugestão do Dia", cada dia da semana, incluindo sábados e domingos, o chef oferece um prato espe-

Tomás Vélez/Divulgação



Sardinha Taberna Portuguesa

cial: segunda é dia de Baião de Dois (R\$ 51), quarta o Picadinho Carioca (R\$ 59), quinta o Arroz de Frutos do Mar, aioli e limão (R\$ 64), sexta feijoada (R\$ 52 para 1 pessoa). Aos finais de semana teremos: sábado escalopinho ao molho madeira com arroz a piamontese (R\$ 79) e domingo Bacalhoadado do Juru (R\$ 82). Rua Real Grandeza, 196 - Botafogo. Informações: @jurubeba.bar.

PATO COM LARANJA - A unidade do Leblon oferece almoço executivo de segunda a sexta, das 12h às 16h (exceto feriados). O menu inclui entrada, prato principal e sobremesa, com opções que variam a cada 15 dias, garantindo novidades e combinações preparadas com ingredientes frescos e de qualidade. O valor varia conforme o prato principal escolhido e inclui entrada e sobremesa. Algumas opções de entrada têm acréscimo, de acordo com a escolha. Entre as entradas destaque para: Missoshiru, Sunomono ou Bolinho de salmão com aioli de wasabi (2un). Já para principal a casa oferece sugestões como: risoto de pato (R\$ 89) milanesa de mignon (R\$ 69) com purê de batata ou rigatoni (R\$ 69) massa com fonduta de grana padano. Rua Dias Ferreira, 410. Tel: (21) 96777-0022.

SARDINHA TABERNA PORTUGUESA - Para a hora do almoço ficar ainda mais saborosa, há a opção do menu executivo servido de segunda a sexta-feira, das 12h às 16h. O cardápio contempla entrada, prato principal e sobremesa ou café por R\$ 64,90 (unidades Shoppings) e R\$ 69,90 (Leblon). Entre os pratos principais, as sugestões são as mais variadas como o Bife à Portuguesa (por + R\$ 5) servido com arroz branco, batata chips, couve, jamón e ovo estrelado. Rua Aristides Espinola, 101. Informações: @sardinhataberna.

Arte em movimentação

‘Assombros’: instalação cênica no Sesc 504 Sul une teatro com arte e tecnologia

Por Mayariane Castro

Brasília recebe, entre os dias 18 de agosto e 18 de setembro de 2025, no Sesc Estação 504 Sul, a instalação cênica interativa “Assombros”, que propõe uma experiência imersiva unindo artes visuais, performáticas e sonoras. O projeto tem entrada gratuita e é classificado como livre.

Criada pela artista Simone Reis, pelo designer de mídias Iain Mott e pelo dramaturgo Camilo Pellegrini, a instalação ocupa espaço físico com cinco estruturas chamadas de “caixas óticas”.

Simone Reis, também professora titular da Universidade de Brasília (UnB), diretora e performer, ela desenvolveu uma



Iain Mott

A experiência sensorial é amplificada pelo sistema sonoro “Mosca”

trajetória que articula experiências na cena teatral brasileira, com atuações na Uzina Uzona de Zé Celso e colaborações com

nomes como Zé do Caixão, a uma formação acadêmica internacional, que inclui doutorado na Austrália e participações em

festivais fora do país.

Para a artista e estudante de serviço social da UnB Ana Beatriz, 19, é muito especial enxer-

gar uma professora da instituição à frente de um projeto artístico de renome. “É muito diferente enxergar um docente dentro de um lugar tão lúdico e único que é o palco. Sinto que isso reforça muito a forma de que a vida das pessoas não se resume apenas ao emprego, mas que mesmo que você tenha um emprego a parte na área artística”.

As cenas interpretadas por Simone Reis foram desenvolvidas a partir de roteiros autoficcionais que misturam memórias pessoais da artista com trechos de personagens femininas da peça “A Gaivota”, de Anton Tchekhov, e de sua releitura contemporânea assinada por Matêi Visniec. A direção cênica é assinada por Pellegrini e Reis.

Entre plumas, flores, som e interação

A participação do público ocorre por meio de pequenas janelas

A instalação articula elementos tecnológicos contemporâneos com técnicas de ilusão ótica históricas. Entre os recursos utilizados estão o “Boîte d’Optique”, técnica visual do século XVII, e o “Pepper’s Ghost”, truque teatral desenvolvido no século XIX. Ambas foram adaptadas e integradas a um sistema de projeção digital, criando efeitos visuais que dialogam com a história da cenografia.

Cada uma das cinco caixas simula uma urna mortuária e é

construída com materiais como MDF, vidro e acrílico. A estrutura abriga uma combinação de recursos mecânicos e eletrônicos, incluindo o uso de microcontroladores Arduino, computadores Raspberry Pi e softwares de código aberto como SuperCollider e OSSIA Score.

O projeto conta com um sistema sonoro desenvolvido especialmente para a instalação. Chamado de “Mosca”, o sistema foi criado por Iain Mott e é baseado em áudio ambissônico,



Iain Mott

O projeto é da companhia Cia Inexistente

que permite a reprodução tridimensional de som, promovendo uma sensação de imersão em 360 graus. O sistema é integrado às caixas e reage à posição dos visitantes, ampliando o impacto sensorial.

A interação com o público ocorre por meio de pequenas janelas circulares instaladas em cada caixa. Por elas, o visitante

observa a performance e experimenta o som especializado. Figurinos, objetos e maquiagem usados nas encenações foram escolhidos para reforçar a estética visual do trabalho, incluindo elementos como véus, plumas, flores artificiais e maquiagem de inspiração expressionista.

O projeto é resultado da colaboração entre a companhia Cia

Inexistente e a produtora Quanta Produções, com apoio institucional do Sesc, Senac, Fecomércio, do Festival Internacional de Teatro Cena Contemporânea e da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF.

Segundo os realizadores, a proposta da instalação é colocar em diálogo linguagens artísticas diversas e explorar limites entre realidade e ficção, passado e presente, com foco em temas como efemeridade, memória e identidade. As escolhas estéticas e técnicas foram orientadas por esse conceito.

A instalação estará aberta à visitação entre os dias 18 de agosto e 18 de setembro de 2025. O horário de funcionamento é de segunda a sexta-feira, das 9h às 21h, e aos sábados e domingos, das 8h às 12h. O acesso é gratuito e não há necessidade de retirada de ingressos com antecedência. Será permitindo a entrada de visitantes de todas as idades.

FESTIVAL

Festival Vibrar

✱O Festival Vibrar 2025 chega a Brasília até o dia 7 de setembro, transformando o Parque da Cidade no maior ponto cultural do Centro-Oeste. Serão quatro dias de música, arte e diversão, com entrada gratuita. O line-up inclui Silva, Rael, Os Garotin, Jean Tassy e DJs das festas Makossa, Criolina e PLAY. Shows imperdíveis com atrações variadas garantem experiências únicas para todos os públicos. Retire seu ingresso pelo Sympla.

Festival Mistura Geral

✱A lendária cantora baiana Virgínia Rodrigues encerra o 4º Festival Mistura Geral no dia 7, no Teatro dos Bancários, em apresentação especial que conecta raízes afro-brasileiras à música erudita. A noite terá abertura de Layla Jorge, com seu álbum “Toda Mulher”. O festival, do Instituto Transforma com apoio do GDF, celebrou diversidade cultural, protagonismo feminino e ancestralidade, reunindo grandes nomes e talentos emergentes da música brasileira.

TEATRO

Trupe Por Um Fio

✱Criada na pandemia, a obra O Novo Anormal, da Trupe Por Um Fio, ressurge em 2025 como exercício de memória e reflexão. A segunda apresentação será em 5/9, às 20h, no Complexo Cultural de Planaltina, com entrada gratuita, classificação livre e Libras. Com estética de varietê, mistura circo, teatro físico e música ao vivo para abordar solidão, luto e resistência artística. Fundada em 2009, a trupe soma 15 anos de atuação contínua e mais de dez espetáculos autorais.

Encantaria

✱O mito de Dom Sebastião inspira Encantaria, em cartaz no Teatro de Sobradinho de 8 a 12/9, com sessões gratuitas às 15h (escolas) e 20h (público geral), classificação 14 anos. Dirigido por Ricardo César, o espetáculo mergulha na encantaria maranhense, tradição afro-indígena que ressignifica o rei como presença espiritual em rituais de cânticos e danças. Com teatro colaborativo, máscaras e objetos cênicos, a montagem envolve atores e público em arena intimista, refletindo sobre messianismos, fé e narrativas que ainda ecoam no Brasil contemporâneo.



Silva é uma das atrações do Festival Vibrar 2025

Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Divulgação



Encantaria chega ao Teatro de Sobradinho

Missão impossível

✱Em Missão Improviso, da Cia de Comédia Setebelos, o público lança os desafios mais absurdos e os atores se desdobram para cumprir missões hilárias no melhor estilo improviso. Tudo é criado na hora: cenários, ameaças e situações imprevisíveis, tornando cada sessão única. Reconhecida nacionalmente, a Setebelos é referência em humor criativo e já brilhou em programas como Quinta Categoria e República do Stand Up. Dias 12 e 19/9, às 21h, no Teatro SESC Paulo Autran.

Primeira Infância

✱Baseado na obra UGA, de Kaká Werá Jecupé, o espetáculo Curumim traz a jornada da tartaruga UGA e do jabuti JABU em busca da jabuticabeira mágica.

Divulgação



Missão Improviso, da Cia de Comédia Setebelos

Divulgação



Sob os Pés do Mundo no Museu Nacional

Divulgação



Exposição com tattoos

ca, enfrentando desafios que revelam valores como solidariedade e empatia. Criado pela ATA e dedicado à primeira infância, o trabalho valoriza saberes indígenas e a consciência ambiental, unindo narrativas ancestrais, música ao vivo e ambientação inspirada em uma oca. Apresentações dias 6 e 7/9, no Parque da Cidade.

EXPOSIÇÃO

Minhas Visagens Nos Assombram

A exposição Minhas Visagens Nos Assombram, do artista Taiom, reúne desenhos, pinturas, gravuras e tatuagens no Estúdio Vespa (205 Norte), dia 5/9, às 19h, com entrada gratuita e classificação livre. Parte do projeto Tatuagem: Arte, Cultura e Mediação de Mundos, realiza-

do com recursos do FAC-DF, a mostra integra a série Visagens, que explora o subconsciente e o místico. A noite terá ainda conversa com Taiom, mediação de Derik Sorato e discotecagem de Selectta KBC.

Sob os Pés do Mundo

A exposição Sob os Pés do Mundo: uma experiência sensorial em Brasília entra na última semana, aberta até 7/9 na Galeria 2 do Museu Nacional, dentro do Festival Mês da Fotografia. Idealizada por Flavio Marzadro, reúne 17 obras táteis criadas a partir de vivências de pessoas com deficiência visual, com títulos em Braille, audiodescrição e paisagens sonoras. No dia 5/9, às 14h, a mostra recebe alunos do CEEDV. Entrada gratuita e classificação livre.

Diego Bresani



Espectáculo Curumim no Parque da Cidade

Divulgação



Virgínia Rodrigues no Festival Mistura Geral

SHOW

MC Jazz

No dia 11/9, às 20h30, o Clube do Choro recebe o MC Jazz, projeto da cantora Cleo Monteiro e do baterista Marcos Britto. O show, que terá captação audio-visual, traz repertório eclético: standards do jazz, bossas, boleros, partido alto, músicas latinas e releituras de clássicos do rock, blues, soul e pop, em arranjos originais e intimistas. A noite contará com Julio Sombra (baixo), Mauro Sergio (piano) e Paulo André (violão), em uma experiência musical sofisticada, acessível e única.

Samba pras Moças

No dia 7/9, a Praça da Bíblia, na Candangolândia, recebe a 4ª edição do Samba pras Moças, celebrando música, ancestralidade e empreendedorismo feminino. Com shows de DJ Kashuu, Pé no Chão, Ane Êoketu, Mari Sardinha, DJ Odara Kadiegi, Bruna Tassy e Kika Ribeiro, o evento promove visibilidade para mulheres pretas e trans, oficinas de tranças e percussão, recreação infantil e a Feira das Moças, fortalecendo cultura, representatividade e autonomia econômica.

NOVIDADE

Ricardo Vilas lança álbum

Ricardo Vilas lançou seu novo projeto Ricardo Vilas & Banda Maravilha, disponível em todas as plataformas digitais via Conexão África Produções. O álbum reúne 12 faixas autorais e inéditas, com participações de Dionísio Rocha, Filipe Zau, Nilze Carvalho e Hudson Santos, promovendo um diálogo musical entre Brasil e Angola. Inspirado na pesquisa acadêmica de Vilas sobre música popular angolana, o projeto valoriza a cultura africana no Brasil e fortalece os laços culturais entre os países.

PROJETO

Vivências de samba e capoeira

Neste sábado (6), a Praça da Resistência na Praça da Resistência - Vila Telebrasil (Asa Sul), recebe o 3º ciclo do Encontro Bem-Viver: Cultura Popular e Ancestralidade. Com oficinas e rodas de capoeira e samba de roda, o evento valoriza tradições afro-brasileiras, fortalece vínculos comunitários e é gratuito e livre para todas as idades.

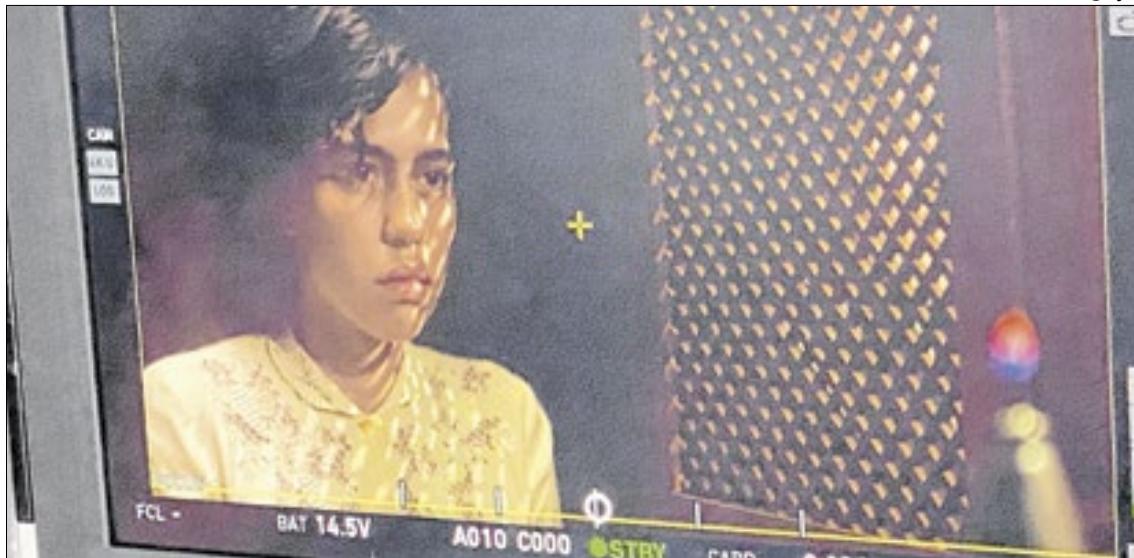
Santa Dica de Goiás

Filme e minissérie retratam líder religiosa do início do século XX em história real de Goiás

Por Mayariane Castro

Está em fase de produção o filme “Santa Dica”, uma obra audiovisual de ficção baseada na trajetória de Benedicta Cypriano Gomes, figura histórica do início do século XX no interior de Goiás. Reconhecida por sua atuação como líder espiritual e comunitária, Benedicta ficou conhecida como Santa Dica e fundou um movimento de resistência social e religiosa na região central do país.

A produção será lançada em dois formatos distintos: um longa-metragem independente e uma minissérie de quatro episódios. A proposta é atingir diferentes públicos e circuitos de exibição, explorando tanto espaços



Divulgação

Produção audiovisual inspira-se na história real de Benedicta Cypriano Gomes

do cinema quanto da televisão e streaming. O lançamento está previsto para ocorrer em 2026, com a estratégia de distribuição

ainda em definição.

As gravações foram realizadas em Corumbá de Goiás e em localidades próximas ao Distrito

Federal, como Planaltina, Altapiano Leste e Samambaia Norte. A escolha dos cenários buscou resgatar as paisagens caracterís-

ticas do sertão goiano, ambiente onde se desenvolveu a história real que inspira a obra.

O projeto conta com direção geral de Simonia Queiroz e co-direção de Jimi Figueiredo. A produção executiva é da Queiroz Filmes, com produção associada da TFS Media House. A atriz Pamela Germano interpreta a protagonista, Santa Dica. O elenco principal inclui ainda Rosanna Viegas, Márcia Duarte, Murilo Grossi, Chico Sant’Anna, Sérgio Sartório, Abaetê Queiroz e Otto Caetano.

Com apoio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC), o projeto busca resgatar uma narrativa histórica por meio de uma linguagem contemporânea.

Realismo fantástico e religioso

A diretora do projeto, Simonia Queiroz, detalha nuances da obra

A diretora Simonia Queiroz destaca que a obra pretende recuperar uma memória coletiva ainda pouco conhecida fora do contexto regional. Segundo ela, Santa Dica foi uma figura política, espiritual e comunitária que organizou iniciativas de educação, saúde e segurança alimentar para milhares de pessoas.

A narrativa do filme combina elementos de realismo fantástico, religiosidade popular e fatos históricos para representar o contexto da época.

Benedicta Cypriano Gomes nasceu em 17 de janeiro de 1903, na Fazenda Mozondó, localizada na região do Rio do Peixe, a cerca de 40 quilômetros de Pirenópolis (GO). Era a filha mais velha entre oito irmãos e cresceu em um ambiente de forte influência católica.

Aos sete anos, após ser considerada morta por causa de uma doença grave, teria “ressuscitado” durante o próprio velório. O episódio, interpretado como um milagre por moradores da



Divulgação

A equipe planeja apresentar a obra em festivais

região, consolidou sua imagem como uma figura santa. Com o passar dos anos, Benedicta reuniu seguidores que buscavam conselhos espirituais e orientação religiosa.

Ela afirmava receber mensagens de anjos e realizava rituais que misturavam elementos do catolicismo popular com práticas associadas ao espiritismo.

Esse sincretismo atraiu fiéis e formou uma comunidade no povoado que viria a se chamar Lagolândia, hoje distrito de Pirenópolis.

Além da atividade religiosa, Santa Dica organizou ações voltadas ao bem-estar da comunidade, como a criação de escolas e hospitais improvisados, além de práticas de segurança alimentar.

Sua atuação resultou na formação de um grupo autônomo com forte coesão social e resistência às autoridades locais e à Igreja oficial. O movimento liderado por ela se consolidou como um tipo de “exército popular”, o que provocou reações e perseguições.

A história de Benedicta Cypriano Gomes permaneceu à margem dos registros oficiais por décadas. No entanto, em várias regiões do interior de Goiás, sua memória é preservada de forma oral por descendentes e antigos moradores das comunidades onde atuou. A figura de Santa Dica ainda é reverenciada por fiéis que visitam a região em busca de curas.

Com a produção do filme e da minissérie, os realizadores pretendem contribuir para a visibilidade dessa personagem histórica e para a valorização de figuras femininas que exerceram liderança em contextos populares e religiosos.

#cm
2
FIM DE SEMANA

Nova instalação
cênica mistura
técnicas
históricas
PÁGINA 5



Festival Vibrar
2025 agita
o Parque da
Cidade
PÁGINAS 8 E 9



Filme revive
história de
heroína do
sertão goiano
PÁGINA 16



Uma voz do tamanho do Brasil

Na celebração de 60 anos de
carreira, Maria Bethânia abre
temporada de seis apresentações
no Vivo Rio ao longo deste mês

Por AFFONSO NUNES

Maria Bethânia, a maior voz feminina viva da música brasileira, sobe ao palco do Vivo Rio neste mês para celebrar uma trajetória que começou há exatos 60 anos e se confunde com a própria história da MPB. Os shows deste e dos próximos três fins de semana, às sextas e sábados, coroam uma trajetória memorável. Com sua verve musical que anda de mãos dadas com a teatralidade, assistir Bethânia ao vivo é um ritual de amor à nossa canção popular, uma carta de amor às coisas do Brasil que esta artista escreve tão bem. **Continua na página seguinte**



Jorge Bispo/Divulgação